

2007 - União Africana já tem 5 anos e ainda não anda

União Africana já tem 5 anos e ainda não anda
por: Eugénio Costa Almeida©

Na passada segunda feira a União Africana (UA) comemorou o 5º aniversário do seu nascimento. Uma comemoração ensombrada pelo atraso de todos os valores emergentes na sua concepção, em Syrtre, e da sua constituição, em Durban. Se um dos atrasos é de saudar, a peregrina e néscia ideia da constituição dos Estados Unidos de África, prevista por Kadhafi, em 1999, mas para os Estados ao sul do Saara, e tentada o seu relançamento na recente Cimeira de Accra, agora tentando agrupar todos os Estados africanos, sob a decrépita liderança – porque é isto que ele quer e sempre desejou – de Kadhafi, já não se entende que vectores importantes para o continente continuem estagnados ou, ainda, nem mesmo embrionários. Uma pequena ressalva para relembrar que a estulta ideia dos Estados Unidos de África não apareceu somente em 1999. Já entre os anos 1910 e 1920 um jamaicano naturalizado norte-americano, Marcus Garvey, através de uma revista por si criada African Times and Orient Review, sediada em Londres, tinha proposto que os negros norte-americanos voltassem a África e constituíssem os Estados Unidos de África segundo um lema “África para os Africanos Negros” assente num dogmatismo religioso de “Cristo era negro” e reforçado numa organização por si criada, a Associação Universal para o Progresso dos Negros (UNIA) que se constituiu como o embrião da República Universal Negra, um “Estado” sem território porque ainda estava fora de África. Kwane Nkrumah, considerado um dos pais da moderna África, em 1958, em Accra, propôs, também, que os povos africanos se unissem federalmente e colocassem em causa as fronteiras de régua e esquadro da Conferência de Berlim que mais não tinha sido como a divisão de África pelas diferentes potências europeias com o consentimento de suecos e norte-americanos. Só que a mãe de todas as Cimeiras colocou tudo isto em causa. De facto, a Cimeira de Adis-Abeba, de Maio de 1963, que criou a Organização de Unidade Africana (OUA) lembrava os novos Estados emergentes que as fronteiras coloniais eram imutáveis e que todos as deveriam respeitar abstendo-se de procurar invadir ou conquistar territórios vizinhos adjacentes. Apesar de todos os Estados independentes o subscreverem, nem todos cumpriram com estas normas. Relembremos como a Líbia tentou anexar parte do território chadiano, a Etiópia parte da Somália e esta por sua vez uma região etíope, etc. Mas porque o período era de conturbações várias aliado ao facto do Mundo estar dividido entre dois blocos político-militares, liderados por norte-americanos e soviéticos, e um terceiro que se intitulava de Não-alinhamento mas que, na prática, apoiava um dos líderes dos blocos e apoiavam-se num outro que sempre mostrou que a sua paciência era secular, a China, a OUA acabou por entrar numa letargia que só abanou com a queda de um dos blocos e o “grito” kadhafiano de Syrtre. Um grito que teve o seu apogeu em Durban em 9 de Julho de 2002. Um grito que embora contivesse algum certo histerismo, como a criação dos Estados Unidos de África, mais não era que tentar mexer com o letargismo africano. E conseguiu-o. O Acto Constitutivo da UA previa, um pouco, é certo, e infelizmente muito habitual, em certos políticos do continente de copiar em vez de inovar, a criação de alguns vectores semelhantes aos da União Europeia, como a criação de uma Comissão Africana, um Parlamento africano – por mero acaso com sede em Trípoli –; um Banco africano que teria a sua génese no Banco Africano de Desenvolvimento, um Conselho Executivo com reuniões periódicas de Conselhos de Ministros, um Tribunal de Justiça – por isso é que a maioria dos crimes humanitários em África são dirimidos em Haia ou em tribunais de Excepção sediados na Europa e sob tutela das Nações Unidas ou do TIJ – e, finalmente, um Exército pan-africano. A Comissão Africana, ninguém sabe por onde anda; do Parlamento, vai se falando na sua constituição, alguns países vão indicando nomes de deputados mas ainda não está operacional e, salvo erro, ainda só fez uma reunião preparatória; do Conselho Executivo é vê-los, periodicamente reunidos e fazer transpirar certos assuntos como tratados mas nunca implementados; e finalmente, o Exército pan-africano, uma das meninas dos olhos da UA nada se consegue fazer. Basta relembrar a Somália e o Darfur. Ou seja, a União Africana, apesar de já ter 5 anos ainda não sabe andar. Muito dos assuntos pan-africanos ou que a África dizem respeito, ainda são tratados – serão? – fora do Continente e por entidades estranhas ais africanos. E a culpa é unicamente nossa! Ainda não sabemos andar… Como recentemente escrevi, o simplismo e o despotismo ainda perduram junto da grande maioria dos sectores políticos africanos e, por isso, África vai se mortificando, colocando-se em bicos de pés e estendendo a mão à caridade vai pedindo mais ajudas descuidando-se de relembrar um antigo adágio do seu actual maior investidor e principal sugador, os chineses, o Continente não precisa de quem lhe ofereça o peixe mas de quem lhes ensine a pescar! Ora, mas se ainda não sabemos andar… ©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed. nº. 123, de 14-Julho-2007